

**ENTREVISTA COM LINEU NORIO KOHATSU:  
Desafios e perspectivas da pesquisa em Educação e Migrações Internacionais no Brasil**

Rômulo Sousa de Azevedo<sup>1</sup>  
Carolina de Campos Borges<sup>2</sup>  
Mariana Godoy Martins<sup>3</sup>

**Apresentação**

Entrevista feita com Lineu Norio Kohatsu, professor doutor no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). É graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), tem mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, do Instituto de Psicologia da USP e realizou pós-doutorado na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, em Portugal. Atualmente desenvolve pesquisas sobre educação escolar de alunos de origem migrante em escolas públicas. É integrante do grupo de estudos *Migrações e Identidade*, do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU/FFLCH-USP), do grupo de pesquisa *Movimentos migratórios e Educação* (PUC-SP) e do grupo *Diálogos Interculturais*, do Instituto de Estudos Avançados da USP.

As perguntas foram cuidadosamente discutidas e selecionadas pelo autor e as autoras e posteriormente respondidas pelo professor em agosto de 2023 de maneira assíncrona. Produzida com o objetivo de inspirar estudantes de graduação e pós-graduação que se interessam em pesquisar a interlocução entre educação e migrações internacionais, ela traz importantes reflexões advindas de sua vasta experiência como pesquisador do tema. Para além de questões técnicas, o professor Lineu nos apresenta sua perspectiva pessoal e relaciona a teoria e prática

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás – UFG (2020). Atualmente cursando o doutorado em educação também pela UFG. Membro da Cátedra Sérgio Vieira de Mello – CSVN/UFG. Atua como pedagogo na Rede Estadual de Educação de Goiás. E-mail de contato: romulo.sousadm@gmail.com.

<sup>2</sup> Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Professora associada do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Membro da Cátedra Sérgio Vieira de Mello - CSVN/UFGD. E-mail de contato: carolinacambor@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisa o português brasileiro como língua adicional entre migrações. Atua como professora de Português como Língua Adicional, tradutora e intérprete comunitária. E-mail de contato: marigodoymart@gmail.com

de suas pesquisas com sua história como alguém que vivenciou a interculturalidade em sua família e a diferença étnica em seu próprio processo de inserção escolar.

**Professor Lineu, para começar, conte-nos sobre o surgimento de seu interesse pelo tema da educação e migração.**

Como pesquisador acadêmico, meu interesse pelo tema da educação e migração é recente, mas minha atuação profissional na educação vem desde a época em que estava na graduação em Psicologia, atuando com diferentes segmentos ao longo dos anos: alunos no espectro autista, alunos com deficiência intelectual, crianças e jovens em situação de rua, adultos em estabelecimentos penais. Comecei na Educação Especial e, acompanhando a evolução das políticas, fui me engajando na luta pela inclusão das pessoas com *diferenças significativas*, tomando de empréstimo o conceito elaborado pela querida e saudosa professora Lígia Assumpção Amaral, que foi minha orientadora no mestrado e parte do doutorado, até a data de seu falecimento.

No âmbito pessoal, o tema da migração faz parte da minha história, da história da minha família que migrou de Okinawa, Japão, ao Brasil. Como filho de japoneses, vivenciei a experiência da diferença étnica desde os primeiros dias na escola. Questões relacionadas às formas de aculturação, de assimilação cultural e linguística, questões identitárias e xenofobia, que hoje estudo teoricamente (KOHATSU, BRAGA, FELIPPE, 2021; KOHATSU, BRAGA, LAZARA-GABRIEL, 2021), fazem parte das minhas vivências pessoais.

Como pesquisador, meu interesse inicial estava voltado para as manifestações culturais dos imigrantes bolivianos. A Praça Kantuta foi o ponto zero. E a fotografia foi um valioso instrumento de aproximação das fraternidades folclóricas, que sigo admirando até hoje. Fotografei eventos como *Alasitas*, *Inti Raymi* e, sempre que possível, fotografo a principal festividade cívico-religiosa-cultural realizada no Dia da Independência da Bolívia, tradicionalmente no primeiro final de semana de agosto. Nesse evento, que começa com uma celebração religiosa em homenagem às Virgens de Urkupiña e de Copacabana, ocorrem os desfiles das fraternidades folclóricas de danças típicas como a Morenada, Caporales, Tinkus, Sayas e outros grupos musicais autóctones.

## Como você avalia, em termos de políticas públicas, as medidas atualmente adotadas no acolhimento e inserção de migrantes na educação básica no Brasil?

A Lei de Migração nº 13.445/2007, de modo geral, representa um avanço em relação ao Estatuto do Estrangeiro, Lei nº 6.815/1980, que restringia direitos dos imigrantes (KOHATSU, SAITO, ANDRADE, 2021). Entre os avanços cito como um exemplo o repúdio à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação, conforme consta no Art. 3º. No âmbito da educação, vale citar a Resolução CEB/CNE nº 1, de 13 de novembro de 2020, que estabelece o direito à matrícula de migrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio no sistema público de ensino brasileiro sem o requisito de documentação comprobatória de escolaridade anterior, permitindo a matrícula em qualquer ano, série ou etapa da Educação Básica, conforme o desenvolvimento e a faixa etária do educando, devendo a avaliação/classificação ser feita na língua materna do estudante.

E, reiterando a Lei de Migração, o Art. 6º da Resolução 1/2020 estabelece que as escolas devem organizar procedimentos para o acolhimento dos estudantes migrantes seguindo as diretrizes de não discriminação; prevenção ao *bullying*, racismo e xenofobia; não segregação entre brasileiros e não-brasileiros; capacitação de professores e funcionários sobre práticas de inclusão de alunos não-brasileiros; prática de atividades que valorizem a cultura dos não-brasileiros; e oferta de ensino de português como língua de acolhimento, visando a inserção social daqueles que apresentam pouco ou nenhum conhecimento da língua portuguesa. Sabemos, no entanto, que no cotidiano das escolas tais procedimentos ainda não estão totalmente efetivados, não existindo, pelo menos nas redes públicas de São Paulo, a oferta de português aos estudantes migrantes internacionais.

No âmbito municipal, é importante citar a Lei nº 16.478/2016, que instituiu a Política Municipal para a População Imigrante<sup>4</sup> em São Paulo, visando garantir os direitos da população imigrante, merecendo destaque pela relevância à educação, o “respeito à diversidade e à interculturalidade” citado no item II do parágrafo 1º. Em consonância com a Política, no ano

---

<sup>4</sup> Aqui, o termo *Imigrante* é utilizado na forma como aparece na lei mencionada, ainda que discussões mais recentes na área proponham o uso do termo *Migrante*, conforme é utilizado no restante da entrevista. Essa mudança de paradigma busca considerar a migração enquanto fenômeno humano em si, e não fatores de saída, entrada ou permanência; bem como reconhecer o migrante como sujeito de direitos independentemente de seu status migratório.

de 2021 foi lançada pela Secretaria Municipal de Educação o *Currículo da Cidade – Povos Migrantes – Orientações Pedagógicas*, uma referência importante para os educadores que estão recebendo alunos de origem imigrante em suas escolas e salas de aula. Há anos, registra-se um aumento gradativo de matrículas de alunos de origem imigrante nas escolas públicas. Não temos dúvidas de que essa presença enriquece o ambiente escolar, mas ainda há muitos desafios a serem enfrentados.

**Considerando os espaços relacionais constituídos nas escolas brasileiras, em que se verifica, cotidianamente, o enfrentamento de diversos desafios relativos à pobreza, ao racismo, à xenofobia, à violência, ou seja, a problemas estruturais da sociedade brasileira, pergunta-se: De que forma esses espaços, já marcados por tensões, respondem à chegada de migrantes nas salas de aula? Como, dentro delas, uma preocupação com a inclusão de migrantes, solicitantes de refúgio, refugiados, apátridas e portadores de visto humanitário pode se estabelecer?**

Sabemos que as escolas são plurais e respondem às demandas de maneiras diversas, ainda que orientadas pelas políticas públicas. Os cruzamentos de vários fatores condicionam as possibilidades e limites de atuação de cada coletivo escolar que é, de certa forma, particular: a inserção no território, a gestão, a mobilização e articulação dos professores, a relação desses com os alunos e suas famílias, os recursos disponibilizados pelo poder público, as inúmeras avaliações externas, a pressão dos ranqueamentos e a margem de autonomia da escola diante da “tecnoburocratização” e controles crescentes. O clima geral da sociedade, o tom autoritário ou democrático da administração pública municipal, estadual ou federal, e os meios de comunicação, contribuem para recrudescer ou minimizar a reprodução da violência socialmente gerada no interior da escola.

Muitos dos discursos xenofóbicos que circulam na escola são reproduções de conteúdos veiculados pelos meios de comunicação. No período da pandemia, o discurso sinofóbico proferido por autoridades públicas foi reproduzido irrefletidamente por muitas pessoas. Observamos isso em uma pesquisa que fizemos analisando as matérias veiculadas pela mídia e pelas opiniões dos leitores, muitas delas assustadoras. Usamos esse material para verificar o nível de adesão de estudantes do ensino médio a esses discursos e os resultados foram

publicados em um artigo (KOHATSU, SAITO, 2021). A escola sozinha não tem o poder de mudar a totalidade social, mas poderá arrefecer o ódio com diálogo e reflexão, se as condições de trabalho permitirem.

Sobre a última pergunta, a inclusão de migrantes é apenas um ponto na extensa pauta que ocupa os profissionais da escola. Às vezes, nem é o mais urgente diante de tantos outros problemas mais graves do cotidiano escolar. Isso é ruim porque a situação dos alunos de origem migrante pode ficar em segundo plano ou invisibilizada. Estimular a organização dos alunos e convidar as famílias para participar de reuniões pode ser uma forma interessante para manter a questão na pauta da escola.

**Como a intensificação da entrada de alunos migrantes nas escolas pode repercutir em nossa sociedade? Em sua opinião, isso pode produzir alguma transformação mais profunda na cultura brasileira?**

Pelo que tenho acompanhado, o número de matrículas de alunos de origem migrante nas escolas públicas vem crescendo, mas a proporção em relação ao número total ainda é pequena. Algumas escolas localizadas na região central de São Paulo, na zona norte e leste concentram mais matrículas, mas na grande maioria das escolas do município de São Paulo, na região metropolitana e no Estado, há poucos ou nenhum aluno de família migrante. Isso considerando que o Estado de São Paulo é a unidade da Federação com maior número de migrantes internacionais, segundo dados da Polícia Federal.

No entanto, a presença desses alunos tem estimulado algumas escolas, como a EMEF Espaço de Bitita, na zona norte de São Paulo, a transformar o ambiente e tornar as práticas escolares mais inclusivas, possibilitando o acolhimento, a permanência, a convivência e a aprendizagem de todos os alunos. A escola pública é, sem dúvida, um espaço social de grande importância para a formação mais humana e mais solidária, mas sabemos que há anos o trabalho dos profissionais da educação vem sendo desvalorizado e precarizado, o que torna mais difícil o exercício docente.



**Do ponto de vista de seus estudos em Psicologia, como tem se dado a atuação dos pesquisadores da área e dos agentes do contexto escolar frente às migrações internacionais? Que demandas e possibilidades se constituem para os pesquisadores na interface entre esses dois campos de estudo?**

A Psicologia como área de conhecimento tem contribuições teóricas importantes para o enfrentamento do preconceito, do racismo, da xenofobia e outras formas de discriminação, assim como contribuições para se refletir sobre as formas de aculturação impostas pela escola e as repercussões nas identidades dos estudantes de origem migrante. Tenho lido os trabalhos de Maria Helena Souza Patto, autora que analisa criticamente as ideias dominantes sobre o fracasso escolar das crianças das classes populares, sendo, assim, referência importante para se refletir sobre as explicações das desvantagens escolares das crianças de origem migrante.

**Diante da realidade empírica evidente em todo o país e de uma crescente produção acadêmica sobre o tema da migração, poderíamos falar de uma possível constituição do campo de estudos específico da educação e migrações internacionais? Que questões éticas estão envolvidas nesse tipo de pesquisa?**

Constituição de um campo de estudos específico da educação e migrações internacionais? Penso que se trata de uma intersecção de dois campos amplos – educação e migrações – multidisciplinares, complexos, com muitas disputas e tensões que exigem uma análise crítica não só das questões específicas dessa intersecção, mas, sobretudo, das contradições da sociedade como um todo.

No âmbito econômico, estamos vivendo um período de aumento das desigualdades; de um lado, alta concentração de poder e riqueza e, de outro, aumento assustador da pobreza e da miséria no mundo inteiro, inclusive nos países do Norte Global. No âmbito político e ideológico, movimentos de extrema direita que pregam ódio, medo, intolerância, militarização e perseguição às minorias. A educação não é neutra e não se reduz à aprendizagem da técnica visando apenas o aumento da produtividade, da competição e do desempenho. Outra concepção de educação precisa ser pensada, radicalmente antirracista, antimachista e antibelicista, para que possamos vislumbrar um outro mundo mais humano, mais solidário, menos autodestrutivo, onde se possa viver sem medo e sem ódio.

## Que autores ou obras da área de psicologia, educação, migração e outras você indicaria para quem está iniciando seus estudos sobre o tema educação e migrações internacionais?

Eu indicaria obras de literatura, cinema, artes plásticas, música, teatro produzidos pelos próprios migrantes, para despertar a sensibilidade à condição do outro. A experiência proporcionada pelo *Ponto Zero do Refúgio*, em 2022, no Centro Cultural São Paulo, com leitura e discussão de obras literárias tendo a migração como tema, foi incrível. Foi em um desses encontros que conheci o livro *Minha casa é onde estou*, da escritora ítalo-somali Igiaba Scego.

## Que conselhos você daria aos pesquisadores que estão se dirigindo para este campo?

Relação ética com todos da comunidade escolar: alunos/as/es, profissionais, famílias; compromisso político com a educação pública, democrática e emancipadora; posicionamento crítico em relação ao *mainstream*.

## Referências

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi. Xenofobia na escola pública: A perspectiva dos estudantes do Ensino Médio. **Psicoperspectivas (Online): Individuo Y Sociedad**, v. 21, p. 1-12, 2022.

KOHATSU, Lineu Norio; BRAGA, Adriana de Carvalho Alves; FELIPPE, Irene Monteiro. Estudantes secundaristas de origem boliviana: relatos de experiências sobre línguas, culturas e identidades. **REMHU (BRASÍLIA)**, v. 30, p. 185-202, 2022.

KOHATSU, Lineu Norio; BRAGA, Adriana de Carvalho Alves; LAZARE-GABRIEL, Ana Katy. Crianças de origem imigrante em uma escola pública de São Paulo: as barreiras idiomáticas em questão. In: NORÕES, Kátia Cristina; SANTOS, Maria Walburga; SANTIAGO, Flávio (Org.). *Crianças em deslocamentos: infâncias, migração e refúgio*. 1ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, v. 2, p. 261-286.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, Patrícia Ferreira. Imigração, mídia e xenofobia: a ameaça imaginária em questão. In: DA SILVA, Pedro Fernando; BORZUK, Cristiane Souza; JUNIOR, Gil Gonçalves (Org.). *Teoria crítica, violência e resistência*. 1ed. São Paulo: Blucher, 2021, v. 1, p. 125-146.

Submissão em: 19/09/2023

Aceito em: 02/12/2023

Citações e referências conforme normas da:

